



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE GEOGRAFIA**

**MICHAEL DA SILVA OLIVEIRA**

**GEOGRAFIA ESCOLAR E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: PROPOSTA DE ESTU-  
DO DO MEIO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA CAIANA DOS CRIoulos, ALA-  
GOA GRANDE - PB**

**GUARABIRA - PB  
2024**

MICHAEL DA SILVA OLIVEIRA

**GEOGRAFIA ESCOLAR E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: PROPOSTA DE ESTUDO DO MEIO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA CAIANA DOS CRIoulos, ALAGOA GRANDE - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado no referido curso.

**Área de concentração:** Geografia, Educação e Cidadania.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angélica Mara de Lima Dias.

**GUARABIRA - PB  
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48g Oliveira, Michael da Silva.

Geografia escolar e educação antirracista [manuscrito] : proposta de estudo do meio na comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande - PB / Michael da Silva Oliveira. - 2024.

27 f. : il. color.

Digitado.

Artigo Científico (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Angélica Mara de Lima Dias, Departamento de Geografia - CH".

1. Geografia escolar. 2. Estudo do meio. 3. Educação antirracista. I. Título

21. ed. CDD 372.891

MICHAEL DA SILVA OLIVEIRA

**GEOGRAFIA ESCOLAR E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: PROPOSTA DE ESTUDO DO MEIO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA CAIANA DOS CRIoulos, ALAGOA GRANDE - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado do referido curso.

**Área de concentração:** Geografia, Educação e Cidadania.

Aprovada em: 18/11/2024.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Regina Celly Nogueira da Silva** (\*\*\*.129.074-\*\*), em **30/11/2024 11:04:43** com chave **0c6e4f8aaf2411efbbb92618257239a1**.
- **Rafael Pereira da Silva** (\*\*\*.142.424-\*\*), em **30/11/2024 09:21:52** com chave **ae32e4d4af1511ef98f006adb0a3afce**.
- **Angélica Mara de Lima Dias** (\*\*\*.203.544-\*\*), em **30/11/2024 09:15:55** com chave **d956b18caf1411ef87122618257239a1**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse [https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar\\_documento/](https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/) e informe os dados a seguir.

**Tipo de Documento:** Termo de Aprovação de Projeto Final

**Data da Emissão:** 05/12/2024

**Código de Autenticação:** bcb696



# **GEOGRAFIA ESCOLAR E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: PROPOSTA DE ESTUDO DO MEIO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA CAIANA DOS CRIoulos, ALAGOA GRANDE - PB**

## **RESUMO**

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo discutir o estudo do meio como metodologia de ensino para a Geografia escolar, destacando a educação antirracista e a valorização da cultura afro-brasileira. A pesquisa foi desenvolvida com alunos do 6º e 7º ano do Educandário Nossa Senhora do Rosário, em Pirpirituba/PB, e envolveu a visita à Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, localizada no município de Alagoa Grande/PB. A partir da investigação participante, que envolve o pesquisador e sujeitos da pesquisa no contexto do grupo ou cultura pesquisada, o desenvolvimento do estudo do meio se dividiu em três etapas principais: preparação, saída de campo e sistematização do saber. O estudo do meio realizado proporcionou aos estudantes, através do contato direto com a realidade, vivenciar aspectos como a cultura e os desafios enfrentados pela população quilombola. Os resultados mostram que o estudo do meio é uma ferramenta metodológica eficaz para ampliar o entendimento dos alunos sobre a Geografia escolar, bem como seu papel no ensino antirracista.

**Palavras-Chave:** Geografia Escolar; Estudo do Meio; Educação antirracista.

## **ABSTRACT**

This Final Course Work aims to discuss the study of the environment as a teaching methodology for school Geography, highlighting anti-racist education and the appreciation of Afro-Brazilian culture. The research was developed with 6th and 7th grade students from Educandário Nossa Senhora do Rosário, in Pirpirituba/PB, and involved a visit to the Quilombola Community Caiana dos Crioulos, located in the municipality of Alagoa Grande/PB. Based on participatory research, which involves the researcher and research subjects in the context of the group or culture studied, the development of the study of the environment was divided into three main stages: preparation, field trip, and systematization of knowledge. The study of the environment provided students, through direct contact with reality, to experience aspects such as the culture and challenges faced by the quilombola population. The results show that the study of the environment is an effective methodological tool to broaden students' understanding of school Geography, as well as its role in anti-racist teaching.

**Keywords:** School Geography; Environmental Studies; Anti-racist Education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Visita a casa de farinha.....	p. 19
<b>Figura 2:</b> Visita a escola da comunidade.....	p. 20
<b>Figura 3:</b> Coco de roda, no restaurante Rita de Chicó.....	p. 21
<b>Figura 4:</b> Exposição do trabalho.....	p. 23

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ENSR - Educandário Nossa Senhora do Rosário

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PB - Paraíba

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO .....	11
2.1 GEOGRAFIA ESCOLAR E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	11
2.2 ESTUDO DO MEIO ENQUANTO METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA .....	14
3 METODOLOGIA .....	16
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	17
4.1 ETAPAS DO ESTUDO DO MEIO .....	17
4.2 ANÁLISES E REFLEXÕES DO ESTUDO DO MEIO.....	23
5 CONCLUSÃO .....	24
REFERÊNCIAS .....	25



## 1 INTRODUÇÃO

A ciência geográfica é ampla e proporciona um múltiplo conhecimento de mundo, tanto nas questões físicas como as relações sociais e culturais. Callai (2001) expressa que, quando se fala em Geografia escolar, se fala da relação do conhecimento e prática do ensino, e na aplicação dos conteúdos de uma disciplina curricular. O ensino tradicional da Geografia nos remete ao professor enquanto transmissor de conteúdos pré-selecionados, deixando assim a dinâmica das aulas estagnada, logo que as temáticas abordadas na Geografia são diversas, como por exemplo, as questões multiculturais.

A Geografia escolar tem um papel importante na formação crítica da sociedade, pois é nela que podemos enxergar a pluralidade cultural que a Geografia enquanto ciência proporciona, trazendo um conhecimento pautado em uma abordagem mais ampla e inclusiva em vários aspectos sociais. Com isso podemos levar em consideração os diferentes grupos étnico-culturais existentes na sociedade brasileira.

Ao levar em consideração o processo de resistência histórica dos povos marginalizados por suas culturas, assim como pontua Munanga (1990), todo o processo de racismo estrutural está presente em diversas esferas sociais desde a vida cotidiana até a área educacional. Nesse sentido, a Lei 11.645/08<sup>1</sup> amplia e auxilia no processo de conscientização, contribuindo para a valorização, reparação histórica e cultural dos povos negros e indígenas, se tornando um avanço no processo de igualdade racial.

Desta forma, a Geografia escolar contribui significativamente para o avanço da educação antirracista e reconhecimento da valorização das culturas negras, a partir de estratégias pedagógicas. Guimarães, Oliveira, Rosa e Giordani (2022, p. 36) afirmam que “ao lançarmos diálogos entre as Geografias Negras e as estratégias pedagógicas buscamos radicalizar a educação na racialização enquanto produtora de espaço e espacialidades”, assim tendo a Geografia escolar como disciplina fundamental para os avanços contra o preconceito.

---

<sup>1</sup> Lei nº 11.645, de 10 de Março De 2008, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" (Brasil, 2008).

Relacionando os conhecimentos teóricos e práticos da Geografia, o estudo do meio se insere como uma estratégia pedagógica que aproxima os alunos de uma realidade que muitas vezes não é reconhecida e/ou abordada em sala de aula. Segundo Lopes e Pontuschka (2009, p. 174) “o Estudo do Meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar”. É a partir dessa compreensão que se entende como a Geografia pode ser vista como uma disciplina para além de uma sala de aula.

As comunidades quilombolas são exemplos significativos de vivência, resistência e da luta da população negra, logo que, essa população passa por um processo de segregação socioespacial com base no racismo estrutural<sup>2</sup>, como na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, localizada no município de Alagoa Grande/PB, que carrega consigo um significativo patrimônio cultural. Nesse sentido, a visita a comunidade proporciona uma dimensão de vivenciar a realidade e desafios enfrentados pela população, como transporte, educação, saúde, entre outros.

Diante disso, tem como objetivo discutir o estudo do meio como metodologia de ensino para a Geografia escolar, destacando a educação antirracista e a valorização da cultura afro-brasileira, a partir da prática realizada na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, localizada na zona rural em Alagoa Grande, PB. O Estudo do Meio na comunidade foi organizado em três partes principais: preparação, saída de campo e sistematização do saber, com turmas do 6º e 7º ano do Educandário Nossa Senhora do Rosário (ENSR), no município de Pirpirituba/PB. O estudo busca demonstrar a importância dessa metodologia e como ela deve contribuir para a consciência e valorização da cultura afro-brasileira para a sociedade.

Para o processo de conscientização e quebra do paradigma social pautado num pensamento racista, foi aproveitado o Dia da Consciência Negra<sup>3</sup> para a se-

---

<sup>2</sup> O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo 'normal' com que se constituem as relações políticas, econômicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo estrutural (Almeida, 2019).

<sup>3</sup> No dia 20 de 1695 que Zumbi dos Palmares, um dos grandes líderes de um dos maiores quilombos do Brasil no período colonial, Quilombo dos Palmares, teve seu fim, assassinado e com a cabeça exposta em Recife como demonstração de rebeldia. Com esse significado histórico o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), escolheu essa data para ser o “Dia Nacional da Consciência Negra” no ano de 1978 em homenagem ao próprio Zumbi dos Palmares, mas também às demais pessoas que construíram, habitaram, lutaram e foram resistência ao sistema escravista vigente no período. Essa data comemorativa é repleta de significados e almeja levantar debates e gerar reflexões sobre questões sociais, políticas, econômicas e culturais dos negros e negras no país (Lima e Oliveira, 2020).

gunda etapa (saída de campo) para as questões propostas. Portanto, a prática do estudo sobre as questões afro-brasileiros, leva a compreender e adquirir um conhecimento diverso sobre o enfrentamento dos problemas raciais no Brasil, que se ligam por fatores socioculturais, mostrando que a diversidade brasileira está entrelaçada com toda sociedade.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 GEOGRAFIA ESCOLAR E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

A ciência geográfica nos permite compreender as dinâmicas e as espacialidades sociais existentes, as múltiplas relações e produções do espaço. Dessa forma, segundo Negri (2010), podemos entender como o processo de segregação espacial com determinadas populações acontece, principalmente com a população negra e indígena, que historicamente sofre com a essa diferenciação, que se dá partir da hierarquia racial e da atuação eurocêntrica na construção das sociedades modernas através de seu processo histórico.

Para Njeri (2019), a luta contra o racismo não é de hoje, os processos de identidade e civilidade do povo negro foi brutalmente arrancado por uma predominância colonizadora que marcou e enraizou o racismo. Os processos de embranquecimento da população, da perda de herança cultural, fazem com que o debate e a luta antirracista cresçam.

No âmbito escolar não é diferente, e “debater práticas educativas antirracistas é menos um manual de como agir, e mais uma construção dialética e coletiva a partir as interações possíveis entre professores estudantes” (Guimarães, Oliveira, Rosa e Giordani, 2022, p. 33). Sobretudo, a Geografia escolar tem um papel importante no combate antirracista pelos fatores que estão atrelados ao que a ciência promove, como exemplo, os estudos sobre a formação da população brasileira, que nos permite ter uma visão reflexiva a partir de uma linha histórica até a atualidade.

A educação antirracista traz uma ressignificação para o ensino como forma de descentralizar os processos culturais existentes na Geografia, que por sua vez é expressa através da visão do colonizador (Suess e Silva, 2019). O professor tem um papel importante sobre esse tema, a ideia de colonização, construção do estado,

---

identidades, formação territorial, todos esses temas caem em pautas relacionadas ao racismo. Assim:

Aprender/ensinar Geografia deve ser pensada a partir da pluralidade, e não pode ser contemplada em um currículo escolar colonial (de visão única e excludente). Compreender o racismo, o antirracismo, entre outros conteúdos também são elementos formadores dos espaços geográficos e sociais se apresentam como essencial. Por sinal, racializar as análises socioespaciais em qualquer conteúdo de Geografia é construir Geografias para além da hegemônica, uma Geografia antirracista (Silva, 2022, p. 77).

Esses aspectos devem estar incluídos em um currículo integrado, na formação dos professores, material didático e entre outros elementos que compõe a vida escolar, expondo assim uma educação de qualidade que combata qualquer tipo de preconceito existente na sociedade, visando a construção de uma educação com diversidade (Albernaz e Carvalho, 2022).

O ensino afro-brasileiro é fundamental para a promoção da valorização a respeito da diversidade cultural no Brasil. A contribuição ancestral dos povos africanos deve ser reconhecida na construção da sociedade brasileira, com isso, a partir da Lei nº 10.639/03 torna-se obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, no Brasil, que se altera anos depois para a Lei nº 11.645/08, que inclui a história e cultura dos povos indígenas (Brasil, 2008). De acordo com o Senado Notícias (2023), torna-se o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra celebrado em 20 de novembro um marco para os avanços para o reconhecimento da importância dessa celebração.

Essas Leis são reflexo das lutas dos Movimentos Negros e Indígenas que lutam em busca de legitimidade para com suas contribuições no sentido da construção cultural e social brasileira, como mostra Kavalerski (2017). De fato, existe todo processo de luta e reconhecimento histórico para que essa Lei possa existir. Assim:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (Brasil, 2008, p. 1).

Isso demonstra que as leis afirmam e defendem políticas públicas discriminatórias quanto as questões raciais no Brasil, também afirma a existência e reconhecimento aos preconceitos enraizados na sociedade brasileira, tendo em vista as me-

lhorias e políticas afirmativas para essas questões, como abordam Oliveira e Goulart (2012). Para além de uma lei, é preciso efetivação nas propostas metodológicas no ensino, a importância de um currículo consciente e aplicado gera uma segurança na colaboração de uma educação sem preconceitos. Com isso:

A História da África não pode ser ignorada, esquecida, tratada como de menor valor, afinal, as relações do Brasil com o continente africano são estruturais e estruturantes. Não há como se estudar a história brasileira sem se adentrar na História da África, sem se ater nas repercussões das contribuições dos africanos para a construção da sociedade brasileira, quer em aspectos econômicos, políticos, culturais, religiosos etc., quer para se entender os conflitos e tensões que marcam tais relações. Tensões internas e externas (Carvalho, 2021, p. 51).

Também é preciso ressaltar que o processo de segregação histórico e cultural, não está somente presente na didática de sala de aula, mas também presente na falta de alunos negros nas escolas com problemas de evasão escolar, que segundo o IBGE (2024), o grupo etário de 19 a 29 anos, 71,6% são negros. Isso reflete o quanto de melhorias de políticas públicas devem ser incluídas.

Esse processo de evasão escolar entre a população negra se deve a vários fatores que contribuem para essa realidade, seja ela a desigualdade econômica, infraestrutura, baixa expectativa educacional e entre outros aspectos, trazendo consequências nas vidas dos jovens negros e na sociedade em geral. Como mostram Silva Filho e Araújo (2017, p. 35):

Para discorrer sobre o fracasso escolar dentro do contexto de evasão e abandono escolar, é necessário ter como eixo a compreensão de suas dimensionalidades dentro da educação brasileira, pois as causas se apresentam como desagregadoras da educação em todas as regiões do país. Suas formas de interpretação não permitem chegar a uma definição precisa de “evasão e abandono escolar”, uma vez que esta requer uma compreensão das relações entre os motivos de ingresso e a trajetória dos permanentes, dos desistentes e egressos desse público.

Poder ir para o ambiente escolar e se reconhecer importante em uma sociedade contribui para a diminuição desse problema. Contudo, assim como a prática educacional e a presença dos estudantes negros nas escolas devem caminhar juntos, de um lado Leis que garantam a diversidade étnica e cultural e do outro a participação ativa da população afetada pelos preconceitos existentes. A Geografia tem um papel importante para abordagens da diversidade cultural existente, sobretudo, por uma relação interdisciplinar, que são inerentes para a formação da população e construção da identidade sociocultural (Alves, 2018).

Serrano (2010 p. 16) diz que “o estudo da realidade africana sugere a interconexão de diversas disciplinas de campos de conhecimento”. Dessa maneira faz-se presente um ensino voltado para as realidades existentes que interferem em todas as construções de sociedade.

## 2.2 ESTUDO DO MEIO ENQUANTO METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA

A Geografia nos proporciona viver e compreender as espacialidades e entender suas dinâmicas, Callai (2009) mostra que estudar o mundo é fundamental pois as relações sociais partem de uma perspectiva concreta de lugares específicos. Fazendo, assim, com que cada indivíduo crie suas particularidades em compreender o espaço a qual estão inseridos. Para ela:

O processo de ensino-aprendizagem supõe um determinado conteúdo e certos métodos. Porém acima de tudo, é fundamental que se considere que a aprendizagem é um processo do aluno, e as ações que sucedem devem necessariamente ser dirigidas à construção do conhecimento por esse sujeito ativo (Callai, 2009, p. 92).

Contudo, as metodologias aplicadas no ensino de Geografia passam por mudanças significativas no cenário de evolução do ensino-aprendizagem. Para que se tenha um cuidado maior na prática de ensino podem ser analisados os contextos e realidades dos estudantes, explorando as dinâmicas de suas espacialidades e vivências.

Nesse contexto, a aula de campo permite o contato direto dos alunos com o meio e proporciona a observação e compreensão de fenômenos geográficos distintos. “As aulas de campo possibilitam ao aluno o desenvolvimento de diversas habilidades, tais como observar e analisar as paisagens, estabelecendo, de forma prática o estímulo a pesquisa, além de aproximar o conteúdo” (Cordeiro e Oliveira, 2011 p. 103). Dessa forma, o estudo do meio entra como uma abordagem ampla e significativa para os estudos da Geografia escolar.

Segundo Pontuschka (1991), o estudo do meio é uma metodologia de ensino que tem origem nas escolas anarquistas. Para Albuquerque, Angelo e Dias (2012, p. 113 – 114):

Essa metodologia sofreu uma série de adaptações, especialmente, com a introdução das metodologias pautadas no referencial teórico da escola nova, no início do século XX e [...] com as contribuições do construtivismo. Po-

rém, [...] essa metodologia pode ser adaptada às práticas escolares dialéticas, híbridas ou outras pautadas em referenciais que consideram a escola como espaço de produção de conhecimento. Assim, ela só não cabe nas escolas tradicionais, pois, o estudo do meio não possibilita a memorização de conceitos e nomenclaturas sobre um determinado tema, se isto ocorrer é porque a proposta foi modificada na sua essência.

O estudo do meio se organiza em 3 etapas: preparação, visita a campo e sistematização de aprendizagem (Lopes e Pontuschka, 2009). Ao levar os conteúdos programáticos para além de uma sala de aula, o estudo do meio busca uma prática mais contextualizada e interdisciplinar, aproximando os espaços de conhecimento para a realidade que cerca os alunos (Lopes, 2016). Assim, podemos enxergar a teoria e prática, permitindo os estudantes observarem, vivenciarem e analisarem os acontecimentos a sua volta, seja no contexto físico, social, cultural ou histórico.

Nesse contexto, a vivência *in lócus* permite uma experiência com os alunos em relacionar conteúdos teóricos com a prática, como por exemplo as relações étnicas-raciais. Assim, o estudo do meio pode ser uma ferramenta metodológica eficaz na promoção da educação antirracista, a partir da relação direta com a realidade, mostrada também na relação do espaço como aborda Santos (2007), que diz que o espaço deixa as suas marcas do passado e que se caracteriza a partir das objetificações geográficas.

Para Lima e Lima (2016, p.17) “os sujeitos estão sempre em constantes transformações, sendo assim ansiamos por novidades, principalmente que venham auxiliar na prática docente e na relação com os saberes”. Nessa perspectiva, as vivências em espaços como comunidades quilombolas ou indígenas tornam-se práticas indispensáveis para uma educação antirracista, tornado uma prática que desperta maior interesse em conhecer essas comunidades.

Deve-se compreender o racismo como um fator sistematizado na estrutura social, como aborda Ribeiro (2019). Que reforça a falta de informação e conhecimento, fazendo com que o preconceito e discriminação aumente. Assim:

As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o nascedouro na escola, porém o racismo e os seus mecanismos reprodutivistas tem lugar permanente ali. Assim, a reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivas da escola, mas tem nestas um espaço privilegiado (Fonseca, 2016, p. 84)

Contudo, o estudo do meio é um recurso metodológico que contribui para um ensino de Geografia pautado em entender as relações socioespaciais, e que ajudam

a compreender, como mencionado, as relações étnico-raciais. Para Chagas (2014), a escola deve estar preparada, em seus âmbitos pedagógicos, para a implementação de uma educação humanizada com olhar para a diversidade cultural. Com isso, a metodologia apresentada promove um contato maior com os espaços de estudos, que em sala de aula são abordados de forma teórica, e a prática metodológica possibilita a experiência de estar na realidade.

### **3 METODOLOGIA**

Para os procedimentos e condução do projeto, foi seguida a metodologia de pesquisa qualitativa, com sentido na pesquisa participante. Esse método de pesquisa permite que o pesquisador atue de maneira integrada ao contexto estudado, colaborando diretamente com os participantes e desenvolvendo o estudo a partir de uma relação dialógica (Fonseca, 2002). A pesquisa participante é particularmente adequada neste caso, pois envolve a comunidade escolar, professores e alunos, na construção do conhecimento, o que facilita o engajamento e a aplicação prática das aprendizagens.

Desta forma, para o desenvolvimento de uma prática que se apoiasse em uma abordagem antirracista a partir da Geografia escolar, foi escolhido o estudo do meio como estratégia metodológica interdisciplinar e colaborativa, envolvendo o trabalho de professores e alunos em seu processo de construção.

O processo de construção do trabalho se dá a partir da celebração da “Semana da Consciência Negra” no Educandário Nossa Senhora do Rosário, envolvendo as turmas do 6º e 7º ano do ensino fundamental dos anos finais, na semana de 20 à 24 de novembro de 2024. A partir da programação ofertada pela escola no período, para a disciplina de Geografia foi pensada a realização de uma proposta de campo (estudo do meio), sendo uma de suas etapas (aula em campo), uma visita à Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, localizada em Alagoa Grande – PB.

A primeira etapa – preparação - foi constituída em duas partes: primeiro uma pesquisa sobre temáticas que envolvem o Dia da Consciência Negra e comunidades quilombolas no Brasil, e a reflexão em sala com base no levantamento de informações realizado pelos alunos, no início da semana. Neste momento, algumas questões foram levantadas:

- O que é o Dia da Consciência Negra?



- Qual a importância de celebrar o Dia da Consciência?
- O que é uma comunidade Quilombola?
- Quais são os desafios que as comunidades Quilombolas enfrentam?

Este primeiro momento foi essencial para a realização da segunda etapa do estudo do meio, a saída de campo ou aula em campo, que foi no dia seguinte. Nele ficou estabelecido o local a ser visitado, a Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos no município de Alagoa Grande/PB e as atividades que deveriam ser desenvolvidas pelos estudantes durante a visita, como por exemplo, registro fotográfico e coleta de informações sobre a realidade vivenciada pela comunidade.

A terceira etapa, a sistematização do saber, se deu na organização de uma exposição fotográfica para toda escola, apresentada no encerramento da Semana da Consciência Negra, e o debate sobre a importância de se conhecer as vivências e cultura afro-descendente em nossa localidade.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1 ETAPAS DO ESTUDO DO MEIO**

Nas etapas participaram alunos da rede privada de ensino da escola Educandário Nossa Senhora do Rosário, que se localiza na parte central da cidade de Pirpirituba/PB, sendo 16 estudantes entre as séries 6º e 7º ano dos anos finais, tendo em média sete alunos que se autodeclararam negros ou pardos. Desses 16 estudantes, apenas 10 foram para campo, porém, todos participaram das atividades teóricas.

A gestão escolar sempre foi aberta a inclusão e promoção de pautas sobre culturas e diversidades, dando aos professores flexibilidade em trabalhar os conteúdos programáticos dentro das realidades sociais. A abordagem do tema se dá a partir da promoção de uma educação voltada ao conhecimento mais amplo da cultura afro-brasileira, em aproximar os estudantes que tinham conhecimentos prévios pautados em estereótipos. Assim, temos as etapas e os procedimentos:

- 1º Etapa: Preparação do Estudo do Meio

A primeira parte do estudo foi pensada a partir da reflexão e conhecimento étnico-racial no Brasil, a partir da investigação realizada pelos próprios estudantes a fim de debater as questões pré-selecionadas. Visando a importância da busca pelo

conhecimento, essa etapa também foi pensada numa proposta de incentivo ao conhecimento da causa antirracista.

A primeira pergunta “O que é o Dia da Consciência Negra?” gerou uma série de questionamentos (por que é celebrado esse dia?) então, as próprias pesquisas via internet dos alunos respondiam esses questionamentos, dando vez para a segunda pergunta “Qual a importância do dia da Consciência Negra?”. Entender os desafios das pessoas negras que são abarcadas pelo racismo estrutural é compreender que a sociedade brasileira precisa de mudança e uma educação crítica, sendo essa proposta lançada para tais perguntas.

As perguntas referentes as comunidades quilombolas: O que é uma Comunidade Quilombola? Quais são os desafios que as Comunidades Quilombolas enfrentam? foram as mais debatidas, logo que, o preconceito e a visão distorcida quando se fala de comunidades tradicionais, ajuda no processo de julgamento a partir do que a sociedade urbana enxerga.

A explicação e o debate foram realizados a partir do livro “Estudos étnico-raciais na educação básica” no capítulo “Caiana Dos Crioulos: território e etnicidade”, onde mostra as lutas e as desmistificação trazida em pauta pelos estudantes.

A leitura da pesquisa e os debates em sala contribuíram para um maior aprofundamento e reflexões sobre o racismo no Brasil, e toda estrutura qual foi sendo constituído. Essas ações fizeram total diferença para as etapas seguintes, pois nelas que se despertou o interesse em dar continuidade na aula de campo.

- 2º Etapa: Aula em Campo (saída de campo)

Para essa etapa os alunos foram orientados a registrar suas observações em caderno de campo, e anotassem as informações coletadas de acordo com o que iriam vivenciar. Foi solicitado o uso de aparelho celular para o registro fotográfico e gravação de depoimentos e entrevistas, que dariam base à etapa final do estudo do meio, a sistematização do saber. A aula em campo se deu em um dia, que oportunizou o contato direto com a comunidade estudada e contou ainda com apresentações culturais e uma roda de conversa com lideranças locais.

Ao chegar na comunidade fomos recepcionados por Nalva, empreendedora, quilombola, ativista, mãe, e também por toda sua família, que nos levou para conhecer a comunidade onde ela mostrou alguns pontos importantes, também falou carac-

terísticas populacionais onde em média vivem 110 famílias e uma média de 400 pessoas. Passamos pela Casa de Farinha (Figura - 1), onde pudemos observar algumas pessoas trabalhando, e entender a prática da agricultura local e o processo de plantio da macaxeira até virar a farinha. Nessa primeira parada os estudantes puderam fazer perguntas e conhecer as pessoas que estavam fazendo suas atividades, desde descascar a macaxeira até o processo final da farinha.

**Figura 1:** *Visita à Casa de Farinha.*



**Fonte:** *Acervo pessoal, 2023.*

Na escola da comunidade (Figura - 2) tivemos um momento de aprendizado com um dos professores da instituição, que também é professor de capoeira<sup>4</sup>, em que pudemos conhecer a rotina e as especialidades da escola. Também nos recebeu o gestor escolar, que destacou as dificuldades enfrentadas pela comunidade, como por exemplo o acesso à escola em tempo chuvoso falta. Para os alunos, conhecer outra realidade além da dinâmica urbana a qual eles estão inseridos foi muito importante para entenderem os espaços de diferentes maneiras e diferentes realidades.

---

<sup>4</sup> A capoeira é oriunda da experiência sociocultural de africanos e seus descendentes no Brasil. Conta em sua trajetória histórica a força da resistência contra a escravidão e a síntese da expressão de diversas identidades étnicas de origem africana (Leal e Oliveira, 2009).

A escola estava em um período de comemoração da semana da consciência negra, decorada com adereços voltadas a cultura afro-brasileira. Os alunos fizeram questionamentos sobre tais adereços e a programação que ainda estava em construção, também sobre as representações das imagens das pessoas (moradores) que estavam pela escola, que eram moradores locais e representantes da luta quilombo-la.

**Figura 2:** *Visita à escola da comunidade.*



**Fonte:** *Acervo pessoal, 2023.*

Essa primeira parte foi concluída na casa de um dos moradores da comunidade, sendo uma família constituída por cinco pessoas, onde pudemos conhecer a sua história e da sua família, baseada em uma vida na agricultura, com muitas lutas e enfrentamentos do preconceito. Foi um momento de estar de frente das realidades vividas por moradores da localidade. Por conta da programação pudemos ir apenas na casa desses moradores.

Na varanda de sua casa, o morador contava sua história de vida onde os estudantes observavam e compartilhavam também seus conhecimentos sobre agricultura, criação de animais e contato com a zona rural, que não fugia da realidade deles. Esse momento foi crucial para os alunos, pois entenderam a dinamização com o morador e seu pertencimento pelo lugar em que ele vive.

Após o momento de conhecer as espacialidades da comunidade, fomos levados para o espaço do restaurante Rita de Chicó, propriedade de Nalva, que nos recebeu e articulou as visitas. A anfitriã nos levou para um momento cultural, iniciando

com coco de roda<sup>5</sup>, onde dançamos, juntamente com outros moradores da comunidade, e conhecemos os instrumentos usados para a dança. Esse momento de musicalidade ancestral (Figura - 3) foi de bastante interesse e participação dos estudantes.

A curiosidade em conhecer e tocar os instrumentos, como o tambor e afoxé, foi de extrema importância, instrumentos esses que estão nas realidades deles, porém muitas vezes passam despercebidos. Conhecer a origem desses instrumentos e saber que eles fazem parte da cultura afro, deu um melhor entendimento sobre a integração cultural existente na sociedade em geral, onde muitos deles não conhecem pois existe uma separação a partir das apropriações culturais existentes.

**Figura 3:** *Coco de roda no restaurante Rita de Chicó.*



**Fonte:** *Acervo pessoal, 2023.*

Em seguida, foi preparado um momento de conversa dos estudantes com a família de Nalva, no qual conhecemos a história da sua família e da comunidade através dos próprios moradores, sendo de extrema importância para a proposta do estudo do meio. Foi falado sobre os desafios em relação aos estudos, sobre o processo de direito a demarcação das terras da comunidade, a falta de apoio governamental com a comunidade, entre outras desmistificações culturais presentes na comunidade.

---

<sup>5</sup> É uma dança popular que faz parte do grande potencial do folclore nordestino, uma mistura de música e poesia com aspectos e coreografias típicos, destacando-se pela originalidade e pela representação do povo negro no território brasileiro (Silva, 2014).

A finalização dessa segunda etapa deu-se através de um almoço com comidas regionais e quilombolas, onde parte dos alimentos era de produção familiar como hortaliças, raízes, frutas e outros alimentos, mostrando a dinâmica de produção alimentar da comunidade. Também com mais momentos de musicalidades de ciranda e coco de roda.

Os estudantes puderam ter uma prática referente aos conteúdos abordados na parte teórica do estudo do meio, onde na vivência de cada um deles as questões puderam ser respondidas pelos próprios moradores.

- 3º Etapa: Sistematização do saber.

A terceira etapa foi dividida em duas partes, a primeira: confecção dos materiais (fotografias). Os registros fotográficos que os estudantes fizeram foram impressos para a confecção de um mural de fotografias, juntamente com as pesquisas que eles fizeram na 1ª etapa, onde ficaram expostas para outros alunos observarem.

Na segunda parte (exposição) os estudantes puderam contar suas experiências durante a aula em campo para outros alunos, foi nessa parte que eles puderam expor as conversas, o que tinha na comunidade, o que eles acharam, falar da experiência do campo, das partes culturais e culinárias e todos os conhecimentos adquiridos. Formando um mural de informações e vivências que eles mesmos pesquisaram e registraram, tornando um trabalho autoral dos alunos, levando em consideração a orientação que eles tiveram.

As anotações e pesquisas feitas pelos estudantes em seus cadernos de campo serviram como orientação para a exposição do mural e suas falas pessoais com outros alunos, porém os alunos preferiram fazer perguntas 'entrevistas' a partir de conversas sem registro, apenas dialogando e fazendo suas abordagens de forma espontânea.

Essa exposição foi feita no momento do intervalo da escola (Figura - 4), onde outros alunos puderam contemplar todo trabalho e questionar sobre o mesmo, despertando interesse dos demais para conhecer a comunidade.



**Figura 4:** *Exposição do trabalho.*



**Fonte:** *Acervo pessoal, 2023.*

Contudo, as etapas levaram a compreender o processo de preconceito existente nas comunidades quilombolas e na sociedade brasileira, e entender a educação antirracista como uma educação de desenvolvimento social e cultural, pautado na reflexão e práticas que busca uma maior igualdade dentre as sociedades diversas.

#### 4.2 ANÁLISES E REFLEXÕES DO ESTUDO DO MEIO

Cada etapa do estudo do meio foi de fundamental importância para os conhecimentos construídos, o que leva a entender a Geografia como uma disciplina para além da sala de aula. Em contexto geral, o estudo do meio traz para os estudantes uma noção real do processo de construção da sociedade brasileira, que bem pontuado é construída em bases de segregação socioespacial, como por exemplo a própria ideia da formação dos quilombos.

Desde o primeiro contato com o tema houve uma associação entre comunidade quilombola e religião afrodescendente entre os alunos, tendo em vista que, para o pensamento de alguns estudantes, necessariamente, uma pessoa por ser de

uma comunidade quilombola teria que pertencer a uma religião de matriz africana, para isso foi necessário explicar todo processo de colonização religiosa na história dos quilombos. No entanto, eles puderam perceber que a questão religiosa dentro da comunidade era diversa, tendo predomínio do catolicismo.

Os estudantes puderam perceber que a comunidade traz em si uma ancestralidade cultural, seja ela material ou imaterial, muito forte. Ao conversar com alguns moradores eles falavam que aprenderam o manejo da terra através da agricultura com seus pais, avós, entre outros familiares. Essa relação do conhecimento passado de geração em geração foi um dos tópicos mais vistos durante as conversas no campo.

Entender as dificuldades da comunidade no momento de conversa na segunda etapa da pesquisa foi fundamental para os objetivos do campo, pois, foi nesse momento que pudemos de fato conhecer os obstáculos presentes na comunidade. Dificuldades como o difícil acesso, principalmente nos períodos chuvosos, pela falta de pavimentação que gera uma dificuldade de acesso à cidade, principalmente para os estudantes de ensino fundamental anos finais e ensino médio, até mesmo o ensino superior.

Na exposição das fotos que foram tiradas durante a aula de campo, foi observado a curiosidade de outros estudantes da escola em saber onde era o local e como foi vivenciar a comunidade. Nesse contado em repassar o conhecimento já muda o olhar da mesma a partir da experiência vivida, a propriedade em saber o que é uma comunidade quilombola, o que é uma ciranda, roda de coco, as danças em geral. De fato, acabar com as ideias distorcidas e os preconceitos existentes com a ancestralidade afro-brasileira foi crucial para a finalização de todas as etapas.

## **5 CONCLUSÃO**

O presente trabalho buscou objetivar a importância de propostas metodológicas aos conhecimentos e histórias afro-brasileiras, ressaltando o processo de construção e identidade do povo negro. Sendo assim, mostrando o estudo do meio como alternativa pedagógica para o enfrentamento do preconceito racial.

A importância de uma Geografia atual pautada em levar a criticidade aos alunos contribui para uma educação inovadora, trazendo uma Geografia para a sua



realidade além da sala de aula. Foi o que se mostrou através da aplicação desse recurso para os estudantes a qual fizeram parte da pesquisa, que proporcionou aos alunos um conhecimento amplo além de suas visões e dos seus conhecimentos, pautados nas pressuposições.

Proporcionar momentos de interação dos alunos com comunidades que sofrem com o processo de segregação a partir dos interesses capitalistas é tornar a Geografia participativa na escola, na comunidade, na vida de cada estudante. A comunidade a qual se passa toda a proposta de campo também ganha um novo olhar de destaque, logo que sua cultura é ensinada, é deixar que o processo de ensino antirracista se torne presente.

Diante de tudo isso, os desafios também fizeram parte de toda proposta, desde a parte teórica e a prática, apesar de todo apoio pedagógico a ideia de levar alunos a campo sempre é desafiador, pois os enfrentamentos de estereótipos de pais e alunos contribuem para ainda mais para a promoção das aulas de campo como essa.

Porém, a experiência das práticas vivenciadas na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos trouxe uma análise sobre as dinâmicas socioespaciais e das relações étnico-raciais, assim, mostrado um recurso inovador para o ensino de geografia, recurso que proporciona a ligação com as diversas espacialidades existentes, contribuindo para uma educação geográfica mais crítica que incentiva os alunos refletirem sobre as questões sobre racismo, identidade cultural, entre outros conteúdos abordados.

Além da metodologia aplicada contribuir para a valorização das culturas afro-brasileiras, promovendo um ensino voltado não só por questões de conteúdos pré-selecionados, mas também por um ensino humano e reflexivo, capazes de promover uma consciência sobre os problemas e as desigualdades raciais.

## REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Pablo de Castro; CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes: por uma universidade antirracista e pluriétnica. **Horizontes Antropológicos**, v. 28, n. 63, p. 333-358, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/F9NpLCqhy5tzj5GwcHFY86h/>. Acesso em: 09 out. 2024.

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; ANGELO, Maria Deusia Lima; DIAS, Angélica Mara de Lima. Propostas de aula de campo e estudo do meio no Complexo Xingó. **Revista Geotemas**, v. 2, n. 1, p. 111-128, 2012. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/article/view/335>. Acesso em: 05 mar. 2023.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

ALVES, Lidiane. Contribuições da geografia escolar para a abordagem da história e cultura afro-brasileira e africana no ensino fundamental II. **Olhares & Trilhas**, v. 20, n. 1, p. 32 - 41, 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olharetilhas/article/view/41935> Acesso em: 09 out. 2024.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/11645.htm). Acesso em: 03 set. 2024.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?. **Terra Livre**, n. 16, p. 133-152, 2001. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/353/335>. Acesso em: 13 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio (Org.). **Ensino de geografia**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CARVALHO, Marcelo Pagliosa. Estudos africanos e afro-brasileiros: possibilidades de intervenção pedagógica. In: MOTA, Thiago Henrique (org.). **Ensino antirracista na Educação Básica: da formação de professores às práticas escolares** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. História e cultura afro-brasileira, africana e indígena no currículo escolar: um caminho para efetivar a educação das relações etnicorraciais. In: BARBOSA, Rita Cristina; DANTAS, Fábio de Souza (Org.). **Práticas educativas culturais e diversidades**. João Pessoa: Editora CCTA, 2014.

CORDEIRO, Joel Maciel Pereira; OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de. A aula de campo em Geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Geografia (Londrina)**, v. 20, n. 2, p. 99-114, 2011. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/7416>. Acesso em: 07 mar. 2024.

FONSECA, Ivonildes da Silva. As brincadeiras infantis e os mecanismos discriminatórios contra crianças negras. In: FONSECA, Ivonildes da Silva; COSTA, Marta Furtado da; CHAGAS, Waldeci Ferreira (Org.). **Estudos Étnicos-raciais na Educação Básica**. João Pessoa: Editora Imprell, 2016. p. 77-84.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213838/000728731.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2024.

GUIMARÃES, Geny F.; OLIVEIRA, Denilson Araújo de; ROSA, Daniel Pereira; GIORDANI, Ana. Geografias negras e estratégias pedagógicas. In: GUIMARÃES, Geny F.; OLIVEIRA, Denilson Araújo de; ROSA, Daniel; GIORDANI, Ana; ALVES, Bruno (Org.). **Geografias negras e estratégias pedagógicas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 27-40. Disponível em: [https://pedroejoaoeditores.com.br/wp-content/uploads/2022/04/EBOOK\\_Geografias-negras-e-estrategias-pedagogicas-2.pdf](https://pedroejoaoeditores.com.br/wp-content/uploads/2022/04/EBOOK_Geografias-negras-e-estrategias-pedagogicas-2.pdf). Acesso em: 5 jun. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Uma em cada quatro mulheres de 15 a 29 anos não estudava e nem estava ocupada em 2023**. Agência de Notícias IBGE, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39531-uma-em-cada-quatro-mulheres-de-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupada-em-2023>. Acesso em: 02 out. 2024.

KAVALERSKI, Luiz Fernando. **O ensino das culturas afro-brasileiras e indígnas: uma análise da Lei 11645/08 e suas contribuições para decolonização**. 2017. Disponível em: <https://rd.ufrgs.edu.br/handle/prefix/1706>. Acesso em: 01 set. 2024.

LIMA, Carlos Adriano Ferreira de; LIMA, Daniel Torquato Fonseca de. Educação Étnico-racial e Intermédias. In: FONSECA, Ivonildes da Silva; COSTA, Marta Furtado da; CHAGAS, Waldeci Ferreira (Org.). **Estudos Étnico-raciais na Educação Básica**. João Pessoa: Editora Imprell, 2016. p. 17-24.

LIMA, Taiane Anhanha; OLIVEIRA, Gabrielle de Souza. Roda de conversa sobre o vinte de novembro: debatendo acerca do “dia da consciência negra” no ensino fundamental. **Revista do Lhiste-Laboratório de Ensino de História e Educação**, v. 8, n. 6, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistadolhiste/article/view/103431>. Acesso em: 05 de nov. 2024.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia** (Londrina), v. 18, n. 2, p. 173-191, 2009. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5503708/mod\\_folder/content/0/Texto%2011%20LopesPontuschka\\_2009.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5503708/mod_folder/content/0/Texto%2011%20LopesPontuschka_2009.pdf). Acesso em: 05 mar. 2023.

LOPES, Maria Rita de Castro. Estudo do meio: um método ativo e interdisciplinar de aprendizagem. In: ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA. 5., 2016. Campinas, São Paulo. **Anais** [...]. Campinas: UNICAMP, 2016. p. 850 – 857. Disponível em: [file:///C:/Users/miche/Downloads/850\\_857\\_Lopes.pdf](file:///C:/Users/miche/Downloads/850_857_Lopes.pdf). Acesso em: 05 set. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Negritude Afro-Brasileira: Perspectivas e Dificuldades. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 33, p. 109-117, 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41616059>. Acesso em: 5 nov. 2024.

NEGRI, Silvio Moisés. Segregação sócio-espacial: alguns conceitos e análises. **Coletâneas do nosso tempo**, v. 8, n. 08, 2010. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/coletaneas/article/view/108>. Acesso em: 14.jun. 2023.

NJERI, Aza. Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na maafa. **Revista Sul-Americana de filosofia e educação (RESAFE)**, n. 31, p. 4-17, 2019). Disponível em: <https://portaltainacan.funarte.gov.br/periodicos/educacao-afrocentrica-como-via-de-luta-antirracista-e-sobrevivencia-na-maafa/>. Acesso em: 14 jun. 2013.

OLIVEIRA, J. P.; LEAL, L. A. P. Capoeira e identidade nacional: de crime político à patrimônio cultural do Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 43-55. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/126/3/Capoeira%20identidade%20e%20genero.pdf>. Acesso em 04 de Novembro de 2024.

OLIVEIRA, Juliana Pires de; GOULART. Treyce Ellen, história e cultura afro-brasileira e indígena em sala de aula: a implementação da lei 11.654/08 nas escolas. **Revista Aedos**, v. 4, 11, 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/303970896.pdf>. Acesso em: 01 set. 2024.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Formação inicial do professor de geografia. **Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. Campinas: Papyrus, 1991. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000817627>. Acesso em: 06 ago. 2024.

RIBEIRO, Djamila; **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. Edusp, 2007.

SENADO FEDERAL. Dia da Consciência Negra se torna feriado nacional. *Senado Notícias*, 22 dez. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/12/22/dia-da-consciencia-negra-se-torna-feriado-nacional>. Acesso em: 06 ago. 2024.

SERRANO, Carlos. **Memória D'África: a temática africana em sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA FILHO, Raimundo Barbosa; ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação por escrito**, v. 8, n. 1, p. 35-48, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/porescrito/article/view/24527>. Acesso em: 09 out. 2024.

SILVA, Cícero Pedroza da. **Coco de Roda Novo Quilombo: saberes da cultura popular e práticas de educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB**. João Pessoa, 2014 Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4820/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2024.

SILVA, Tatiane Regina da. Geografia em AmarÉlo. In: GUIMARÃES, Geny F.; OLIVEIRA, Denilson Araújo de; ROSA, Daniel Pereira; GIORDANI, Ana; ALVES, Bruno (org.). **Geografias negras e estratégias pedagógicas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 73-80.

SUESS, Rodrigo Capelle; SILVA, Alcinéia de Souza. A perspectiva decolonial e a (re) leitura dos conceitos geográficos no ensino de geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, p. 1 - 36, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/35469>. Acesso em: 5 mar. 2024.